



A EXPERIÊNCIA SENSORIAL E CORPORAL NO PRIMEIRO CONTATO COM A ARTE CONTEMPORÂNEA.

LUERSEN, Paula¹; BOHNS, Neiva²

¹Graduanda em Artes Visuais – Licenciatura (UFPel), emaildapaulacristina@gmail.com;

² Profa. Orientadora Instituto de Artes e Design (UFPel), nbohns@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das experiências vivenciadas no primeiro encontro entre o indivíduo e a obra de arte contemporânea. Tem por objetivo explicitar as relações estabelecidas no contato direto com a obra e analisar de que modo o envolvimento corporal e sensorial proposto em exposições contemporâneas atua como formador dos conceitos de arte por parte de um conjunto de indivíduos (público). Quer-se ainda demonstrar a importância que esse contato inicial pode representar como possibilidade de ampliação da noção de arte pelo sujeito.

A cultura e seus meios de veiculação reservam ao público, comumente, o lugar de espectador. O espectador é, segundo o significado da palavra, aquele que assiste ao espetáculo. Assim, de maneira passiva pode-se assistir a uma peça de teatro, a um filme, e observar uma pintura. Historicamente é parte da atitude do espectador para com as manifestações culturais em geral, contemplar. No caso da televisão e internet, hoje os veículos de maior propagação da cultura, o envolvimento independe da presença física do indivíduo num lugar e tempo determinados.

A arte contemporânea vem de encontro a essas questões na medida que “provoca a substituição do posicionamento tradicional do receptor, de receptor da mensagem pelo de sua participação interativa no processo” (1968, apud FREIRE, 1999; 52.) Na arte contemporânea, algumas obras necessitam do envolvimento ativo, corporal e sensorial, requerendo uma troca, o que se configura em experiência. Em vista dessa nova forma de recepção, torna-se importante buscar o momento em que se dá o primeiro contato entre o espectador habitualmente passivo e a obra contemporânea que propõe a interação. Esse pode ser um modo de compreender a formação de conceitos, que causam o interesse ou afastamento do espectador em relação à arte contemporânea.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter teórico-empírico, baseada nas experiências de

um grupo de pessoas, faz uso de uma abordagem qualitativa. Os dados foram colhidos através de entrevistas semi-estruturadas. Os critérios que regeram a escolha do grupo de entrevistados foram: 1.a visitação freqüente a exposições contemporâneas; e 2.o envolvimento com o universo artístico. Cada uma das entrevistas foi analisada separadamente, servindo de base a discussões pontuais. As análises permitiram estabelecer pontos de intersecção e divergência entre as primeiras experiências com a arte contemporânea, revelando situações variadas, de acordo com a faixa etária, com o grau de instrução, com os interesses pessoais, com a existência ou não de contato prévio com arte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi possível perceber que a relação com a arte se constrói de diferentes maneiras a partir da primeira experiência em exposições contemporâneas. Porém, todos os entrevistados mantêm interesse pela arte contemporânea e por suas questões, mesmo no caso de um primeiro contato que não tenha sido amistoso. Diferentes adjetivos são usados para caracterizar a sensação relativa à visitação da primeira exposição contemporânea: impressionante, estranho, desagradável, fascinante, chocante, legal. Portanto, uma única experiência pode gerar diferentes interpretações. Isso porque

talvez o mundo contemporâneo seja mais constelar, menos estrutural. Portanto a produção de sentido se dá através de processos de interpretação, e uma mesma realidade pode suportar várias interpretações, sem que isso gere contradição. (COCCHIARALE, 2006; 68)

No Brasil, por seu reconhecimento e importância para o meio artístico, as Bienais de Artes Visuais tem possibilitado esse primeiro contato, com a vantagem de que se tem a oportunidade de conhecer um grande número de artistas e obras contemporâneas numa mesma exposição. Muitos espectadores tomam conhecimento da arte contemporânea pela primeira vez, por meio da própria experiência da recepção, o que explica de certo modo a sensação de choque.

A maioria do público adentra o espaço da Bienal levando consigo a idéia de passividade quanto ao que será apresentado apenas visualmente, e buscando o formato expositivo dos museus, com obras que respeitam as tradicionais técnicas da pintura, gravura e escultura. Segundo Denise Grispum (2008), “não é fácil fruir a arte contemporânea, é preciso trabalhar experiências sensoriais, construir um novo arcabouço para compreender a arte contemporânea. O que precisamos desconstruir é o preconceito”. Em vista disso é recorrente que a primeira exposição seja nomeada como “impressionante”, já que é nessa experiência que se revela a ampliação de possibilidades em termos de técnicas, procedimentos, materiais e espaço que é característica da arte contemporânea. Essa ampliação também atinge a relação entre obra e público, transgredindo as categorias do belo e do agradável associados à contemplação. O desagradável e o incômodo,

também estão presentes não só como possível leitura, mas como intencionalidade em certas obras.

Uma das entrevistadas diz lembrar-se ter sido marcante a sensação de nojo frente a uma obra na sua primeira visita à Bienal do Mercosul. O motivo seriam os materiais – nesse caso animais de plástico na instalação “Fábrica”, de Lia Menna Barreto – que teriam um apelo perturbador. Mas por acreditar não ter parâmetros frente a sua primeira experiência em Bienais, a repulsa pela obra não determinou um afastamento das exposições de arte, o que também pode ser aceito como possibilidade. Outro entrevistado diz que, na primeira Bienal que visitou, ao ver obras com grandes dimensões, experimentou uma sensação corporal nunca antes experimentada no âmbito da arte.

Algumas obras convidam o visitante a participar. O envolvimento do espectador, corporal e sensorialmente, pode ser parte da obra, como comenta Paola Jacques ao referir-se às instalações de Hélio Oiticica, importante artista contemporâneo brasileiro: “a vivência estética vai além da experiência meramente visual. Não basta olhar a obra, ver sua imagem, sua fachada: Oiticica nos convida sistematicamente a entrar nela e experimentá-la.” (JACQUES, 2003: 82)

Dessa forma, o contato inicial com a arte contemporânea evoca os mais diferentes sentidos e sensações nos indivíduos, sendo que a relação com algumas obras é construída de forma muito específica, partindo da disponibilidade para sentir envolver-se. Tal comprometimento do sujeito faz com que a arte contemporânea seja, pela própria forma de recepção, surpreendente.

4. CONCLUSÕES

Com esse trabalho fica evidente o choque inicial do indivíduo no contato direto com a primeira exposição de arte contemporânea. Nele está implicada a atitude contemplativa culturalmente estabelecida frente à arte, implícita na expectativa a respeito das exposições, e muitas vezes o desconhecimento sobre a arte contemporânea.

A importância dessa primeira experiência para o indivíduo está em, percebendo a ampliação dos conceitos e do campo da arte, assumir também novas formas de recepção e julgamento, admitindo outros parâmetros que não os ligados à contemplação para pensar a arte. Apenas a partir de um primeiro contato é que pode surgir o interesse pela visita às exposições contemporâneas e por consequência, pelas questões da arte hoje.

Além disso, a experiência sensorial e corporal proposta pela arte contemporânea apresenta-se como possibilidade para que o espectador possa conhecer novas formas de interação e percepção no campo da arte e fora dele. De acordo com a artista norte-americana Joan Jones (2008) “quando o mundo passa por uma fase tão virtual, o retorno ao corpo é uma necessidade”. Dentro dessa perspectiva, ao acionar outros meios de recepção, a arte contemporânea supera a experiência que convencionalmente se dá entre sujeito e obra.

5. BIBLIOGRAFIA

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo de Arte Contemporânea?** Recife: Massangana, 2006.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do Processo.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica.** RJ: Casa da Palavra, 2003.

JONES, Joan. **The Shape, The Scent, The Feel of Things.** SP: 14 de novembro de 2008. Entrevista concedida ao Jornal Folha de São Paulo.

PATRICIO, Patrícia. **A construção do Olhar.** In: Continuum Itaú Cultural, 2008.